

Orquestra Gulbenkian

**Giancarlo Guerrero
Karen Gomyo**



06 – 08 mar 24

06 mar 24 QUARTA 20:00

07 mar 24 QUINTA 20:00

08 mar 24 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Giancarlo Guerrero Maestro

Karen Gomyo Violino

Max Bruch

Concerto para Violino e Orquestra n.º 1, c. 25 min.
em Sol menor, op. 26

1. *Vorspiel* [Prelúdio]: *Allegro moderato*
2. *Adagio*
3. *Finale: Allegro energico*

INTERVALO

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 1, em Ré maior c. 56 min.

1. *Langsam, schleppend*
Lento, arrastado
2. *Kräftig bewegt, doch nicht zu schnell*
Andamento poderoso, mas moderado
3. *Feierlich und gemessen, ohne zu schleppen*
Solene e mensurado, sem arrastar
4. *Stürmisch bewegt – Energisch*
Tempestuoso – Enérgico

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min

INTERVALO DE 20 MIN.

Max Bruch

(Colônia, 1838 – Friedenau, 1920)

Concerto para Violino e Orquestra n.º 1, em Sol menor, op. 26

COMPOSIÇÃO 1866-67

ESTREIA Bremen, 5 de janeiro de 1868

DURAÇÃO c. 25 min.

Compositor, maestro e pedagogo, Max Bruch gozou de grande prestígio até à I Guerra Mundial, mas depois disso e apesar da extensa obra que deixou, ficou sobretudo associado ao Concerto que hoje ouviremos.

O Concerto para Violino n.º 1 é, sem dúvida, um dos mais belos que o Romantismo musical nos deixou. Combina a orquestração romântica com o brilho do violino (sem nunca cair no *show off* vazio), os moldes formais claros com a fantasia e a liberdade, a energia rítmica com uma abundante veia melódica. A originalidade começa, desde logo, com o 1.º andamento, o qual, fugindo à tradição estabelecida, é um “mero” *Vorspiel* (Prelúdio), cuja função é conduzir – e fá-lo sem interrupção, por meio de um Si bemol mantido nos violinos – ao *Adagio* central, que é o verdadeiro coração expressivo da obra. Mas não sem antes nos presentear com uma introdução que vai ganhando forma (pontuada por breves *cadenze* do violino) e com uma exposição com dois temas principais: o primeiro vigoroso e com algo de *virtuose* cigano; e o segundo muito lírico e banhado por orquestração delicada. No final do desenvolvimento, a orquestra apresenta um novo tema,

impetuoso. Regressa a introdução, seguida da reexposição. Um episódio orquestral em *fortissimo*, que depois se apazigua, sinaliza a transição para o 2.º andamento (em Mi bemol maior), uma *romanze* de contínua efusão melódica, com três temas principais: duas cantilenas (a primeira, de caráter elegíaco) apresentadas no violino e um tema dado pela orquestra (depois, irão trocando de “voz” e sucedendo-se como que em “cadinho”). No final, tudo esmorece de modo tão tranquilo quanto simples.

O 3.º andamento, por fim, tem a tradicional verve rítmica e o caráter dançante associados aos *Finale* de concerto, aqui conferido por uma célula rítmica que preside ao tema-refrão. O primeiro episódio desagua num tema secundário, festivo e grandioso, dado pela orquestra e logo apropriado pelo violino, e que depois irá aparecendo em alternância com o tema principal. Uma “*cadenza* acompanhada” do violino precede a singela coda.

O Concerto estreou, na sua primeira versão, em abril de 1866, em Koblenz e, na sua segunda e definitiva versão (Joseph Joachim, a quem a obra é dedicada, colaborou nessa revisão), em janeiro de 1868, em Bremen, com Joachim como solista e Bruch na direção.

Gustav Mahler

(Kaliste, 1860 – Viena, 1911)

Sinfonia n.º 1, em Ré maior

—

COMPOSIÇÃO 1887-1888

ESTREIA Budapeste, 20 de novembro de 1889

DURAÇÃO c. 56 min.

Nascido no seio de uma família judaica de língua e cultura alemã, no sul da Morávia (atual Chéquia), Gustav Mahler fez os seus estudos musicais no Conservatório de Viena, onde conviveu, por exemplo, com Anton Bruckner (36 anos mais velho) e foi colega de, entre outros, Hugo Wolf e Hans Rott. Após as primeiras experiências na composição, com *Lieder*, música de câmara (um interessante Quarteto com Piano) e a cantata *Das klagende Lied*, Mahler encetou o género que mais o atraía – a sinfonia – numa altura em que Brahms estreara muito recentemente a sua Quarta (outubro de 1885; seria a sua última sinfonia), e Bruckner a sua Sétima, no final de 1884 (e terminaria a versão original da Oitava em julho de 1887). Isto, se nos cingirmos a Viena. Na vizinha Alemanha, afirmava-se então um jovem Richard Strauss (quatro anos mais novo que Mahler). Se à época ambos singravam já como maestros (os dois conheceram-se, aliás, em Leipzig, no outono de 1887, quando Mahler ali exercia funções de diretor da Ópera), Strauss estava já na dianteira enquanto compositor, tendo estreado *Da Itália* em março desse ano, em Munique, a que se seguiriam, no espaço de um ano (novembro de 1889 a outubro de 1890), as estreias de

Don Juan, *Morte e Transfiguração*, *Burleske* para piano e orquestra e *Macbeth*, que o confirmaram como o novo grande valor da música orquestral alemã. A tudo isto deveremos ainda acrescentar o ambiente cultural da época, impregnado do *wagnerismo* (Wagner falecera em 1883), a par do eco que tinham já então as ideias e as obras de Nietzsche (e de Schopenhauer), figuras que influenciaram, seja Strauss, seja Mahler.

A nosso ver, é desadequado tentar encaixar a Sinfonia n.º 1 em moldes tradicionais, ligados ao emprego da forma-sonata como esqueleto formal, designadamente para os andamentos extremos. Na verdade, ela acusa conscientemente as suas premissas enquanto poema sinfónico e isso espelha-se em todos os andamentos, exceto no *Scherzo* (o 2.º). Afigura-se-nos, por isso, mais consequente ler os processos sinfónicos de Mahler como obedecendo a narrativas afins da música programática, mesmo que eles incluam elementos tradicionais.

Assim, o 1.º andamento apresenta como primeiro material misteriosos “sons da Natureza”, como o faria um poema sinfónico: é a Natureza capturada desde o momento da alba que aqui se evoca.

A este material será justaposta uma citação direta do 2.º *Lied* da coleção *Lieder eines fahrenden Gesellen*, na qual se fala justamente da beleza e do contentamento de sair para o campo pela manhã. Temos portanto dois elementos díspares, mas unidos sob o signo da Natureza como *locus amoenus* [lugar ameno]. Na segunda parte do andamento, eles serão progressivamente combinados, até se verem fundidos, celebrando o sol radioso que faz a sua aparição, não sem que certos motivos/intervalos anunciem o tema do *Scherzo* e o do *Finale*.

O *Scherzo* (forma ABA, com regresso abreviado de A) usa como base única declinações, mais vigorosas (em A) ou mais delicadas (em B), do *Ländler* austríaco, dança campesina ternária que chegaria (transformada) aos salões vienenses sob o nome de valsa. Apresenta parecências inegáveis com o *Scherzo* da Sinfonia em Mi maior (1878-80) de Hans Rott, antigo colega de Mahler no Conservatório de Viena. Rott sucumbiu à demência e faleceu de tuberculose em junho de 1884, aos 25 anos, tendo Mahler assistido ao funeral. Datando os primeiros esboços da Sinfonia desse mesmo ano, quem sabe se não foi uma homenagem ao seu colega? Tal como no 1.º andamento fora prefigurado o tema do *Scherzo*, aqui dá-se a simétrica: o regresso dos “sons da Natureza” no *Trio*.

O 3.º andamento é, sem dúvida, o maior “achado” desta obra. Mahler pega na melodia popular do *Frère Jacques* (o que já de si é inusitado no “sacrossanto” género

da sinfonia germânica), passa-a para o modo menor (no Ré menor dos *Requiem*) e confere ao todo um carácter bizarro e grotesco por via da orquestração que escolhe para esse cânone, tratado como se fosse uma marcha fúnebre. A título de exemplo, a entrada sucessiva das vozes instrumentais faz-se assim: timbales (com a “batida”), contrabaixo com surdina com o tema, depois fagote, violoncelo com surdina, tuba-baixo, clarinete (nos graves) e violas. A modernidade estava realmente a chegar!

Uma segunda secção apresenta uma não menor ousadia: a importação, como paródia, de música típica das bandas itinerantes de músicos judeus que andavam pelas terras de província do Império Austríaco. Conferindo contraste, nova citação das *Gesellen-Lieder*, agora da última secção da quarta canção, na qual (sob o mesmo ritmo fúnebre) o Eu poético faz do repouso à sombra de uma fília uma alegoria da sua sepultura... e da sua paz.

O *Finale* é um mundo em si próprio e surge como algo de descomunal no contexto da música que o precede. Configura-se como um vasto poema sinfónico e apresenta o típico (em Mahler) contraste cavado de materiais: uma secção inicial tempestuosa e revoltada (que recorrerá evolutivamente ao longo do andamento) e um tema muito lírico, em tempo lento, que prefigura os *Adagio* das Sinfonias 3 e 4. O andamento como um todo efetua um percurso *per aspera ad astra* [por (caminhos) ásperos até aos astros], como na 5.ª Sinfonia, com o tema luminoso e grandioso vindo a brotar dos interstícios em “devir” da segunda parte do material “tempestuoso”:

gera-se um conflito com um motivo de três notas (no modo menor), que simboliza a morte, até que, à terceira enunciação, o tema heroico é enfim triunfal e conduz a Sinfonia ao seu termo.

A Sinfonia n.º 1 teve uma gestação e “primeira infância” muito atribuladas, já que só passados oito anos ela adquiriu a sua forma definitiva atual, que se veria confirmada com a 1.ª edição da obra, em fevereiro de 1899. Foi escrita como poema sinfônico entre o final de 1887 e março de 1888, quando Mahler estava na Ópera de Leipzig, essa versão estreando em novembro de 1889, quando Mahler já era diretor da Ópera de Budapeste. Uma versão revista estrearia em outubro de 1893, em Hamburgo (com Mahler

diretor da Ópera Municipal). Nova revisão, mas apenas na instrumentação, foi ouvida pela primeira vez em junho de 1894, em Weimar. Só com a última revisão, mais extensa (1893-96), a obra se transformou numa sinfonia em quatro andamentos (“caiu” a breve *Blumine*, que era o 2.º andamento) e sem referências programáticas (nem sequer o epíteto *Titan*, que vem da tradição interpretativa). Essa versão estreou a 16 de março de 1896, em Berlim, com Mahler a dirigir a Filarmónica da cidade, num concerto onde também teve estreia a versão orquestral de *Lieder eines fahrenden Gesellen*. Essa versão ver-se-ia confirmada com a 1.ª edição da obra, em fevereiro de 1899, por Weininger/Viena.

NOTAS DE BERNARDO MARIANO

Giancarlo Guerrero

O maestro Giancarlo Guerrero foi distinguido com seis prêmios *Grammy*. É o Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Nashville. Através de encomendas, gravações e estreias, tem divulgado obras de proeminentes compositores americanos. Com a Sinfônica de Nashville, dirigiu onze estreias mundiais e quinze gravações de música americana, incluindo obras de Michael Daugherty, Terry Riley, Jonathan Leshnoff e, mais recentemente, o CD *My Father Knew Charles Ives* e *Harmonielehre*, de John Adams, nomeado para os *Grammy*. Em colaboração com o compositor Aaron Jay Kernis, liderou a criação do programa bianual *Composer Lab & Workshop*, da Sinfônica de Nashville, iniciativa dirigida a jovens compositores. Na presente temporada volta a dirigir a Sinfônica de Chicago, com Wynton Marsalis e a Jazz at Lincoln Center Orchestra, bem como a Orquestra Gulbenkian, a Sinfônica da Nova Zelândia, a Filarmônica de Bruxelas, a Sinfônica de Bilbao e a Civic Orchestra of Chicago. Giancarlo Guerrero dirige regularmente as principais orquestras norte-americanas, incluindo as de Baltimore, Dallas, Detroit, Indianapolis, Los Angeles, Milwaukee, Montreal, Filadélfia, Seattle, Toronto, Vancouver e Washington DC (National Symphony). Têm sido também muito bem recebidas as suas regulares apresentações na Europa,

à frente de orquestras como a Sinfônica da Rádio de Frankfurt, a Filarmônica de Londres, a Filarmônica da Radio France, a Filarmônica dos Países Baixos, a Filarmônica NDR, a Filarmônica de Bruxelas, a Filarmônica da Rádio Alemã ou a Sinfônica da Galiza. Na Austrália, dirigiu as Sinfônicas de Queensland e de Sydney.

Giancarlo Guerrero completou recentemente um período de seis anos como Diretor Musical da NFM Filarmônica de Wrocław (Polónia). Anteriormente, foi Maestro Convidado Principal da Cleveland Orchestra Miami Residency, Diretor Musical da Eugene Symphony e Maestro Associado da Orquestra do Minnesota. Tem-se dedicado também às orquestras de jovens, tendo colaborado com o Curtis Institute of Music (Filadélfia), a Colburn School (Los Angeles), a National Youth Orchestra (Nova Iorque) e a Yale Philharmonia. Está também envolvido no programa *Accelerando*, da Sinfônica de Nashville, que proporciona uma intensa formação musical a jovens talentos. Giancarlo Guerrero nasceu na Nicarágua, mas emigrou para a Costa Rica na infância. O seu talento musical permitiu-lhe estudar percussão e direção de orquestra na Baylor University, nos Estados Unidos da América, tendo obtido o grau de Mestre em Direção de Orquestra pela Northwestern University.

Karen Gomyo

A violinista Karen Gomyo possui uma rara capacidade de comunicação. Uma eloquência musical que emana das suas elegantes atuações, profundamente expressivas e tecnicamente irreprensíveis.

Os seus compromissos na presente temporada incluem estreias com a Sinfónica de Chicago e o maestro John Storgårds, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig e Semyon Bychkov e a Sinfónica Nacional da Irlanda e Lio Kuokman. Apresenta-se também com a Orquestra do Mozarteum de Salzburgo e Constantinos Carydis, a Filarmónica da BBC e John Storgårds, a Sinfónica de Bilbau e o maestro e compositor Samy Moussa e a Sinfónica de Vancouver e Gerard Schwarz. Destaque ainda para o regresso à Sinfónica de Dallas para a estreia mundial de *Year 2020*, um concerto para trompete, violino e orquestra de Xi Wang, sob a direção de Fabio Luisi. Com o maestro Jakub Hrůša, regressa ao Japão para tocar com a Sinfónica Metropolitana de Tóquio. Para agosto e setembro de 2024, tem agendada uma digressão a Singapura, Melbourne e Sydney. No domínio da música de câmara, Karen Gomyo tem colaborado com outros artistas de topo como Olli Mustonen, Leif Ove Andsnes, Enrico Pace, James Ehnes, Noah Bendix-Balgley, Daishin Kashimoto, Emmanuel Pahud, Julian Steckel, Susan Graham e o guitarrista Ismo

Eskelinen, com quem gravou o álbum *Carnival* para a BIS Records. É uma admiradora e grande intérprete do *Nuevo Tango* de Astor Piazzolla. Colabora regularmente com Pablo Ziegler, o lendário pianista de Piazzolla, e com os bandoneonistas Hector del Curto, JP Jofre e Marcelo Nisinman. Em 2021 a BIS Records lançou o álbum *A Piazzolla Trilogy*, gravado com um grupo de cordas da Orchestre National des Pays de la Loire e a guitarrista Stephanie Jones.

Karen Gomyo interpreta também regularmente novas obras, contando com as estreias norte-americanas do Concerto para Violino Adrano, de Samy Moussa, e o Concerto n.º 2 *Mar'eh*, de Matthias Pintscher. Em 2018 estreou uma obra que lhe foi dedicada, o novo *Concerto de Câmara* de Samuel Adams, interpretado com membros da Sinfónica de Chicago e o maestro Esa-Pekka Salonen. Karen Gomyo nasceu em Tóquio, mas iniciou a sua formação musical em Montreal, no Canadá. Posteriormente, estudou com Dorothy DeLay na Juilliard School de Nova Iorque, bem como na Indiana University Jacobs School of Music e no New England Conservatory. Como violinista, anfitriã e narradora, participou num filme documental sobre Antonio Stradivari, intitulado *The Mysteries of the Supreme Violin*, produzido pela NHK.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky
CONCERTINO*

Francisco Lima Santos
1º CONCERTINO AUXILIAR

Bin Chao
2º CONCERTINO AUXILIAR

Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwall
Catarina Resende
Flávia Marques
Paula Carneiro 1º SOLISTA*
Vicente Sobral*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Miguel Simões
Félix Duarte
Nelson Nogueira*
Bernardo Barreira*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Maria Inês Monteiro

Sara Farinha

Márcia Marques

Raquel Noemi

Iris Almeida

Daniela Brito*

Mariana Moreira*

Bárbara Friedoff*

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Martin Henneken 1º SOLISTA

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Gonçalo Lélis

Hugo Paiva

João Valpaços

Maria Leonor Moniz

Hugo Estaca*

Burak Ozkan*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rego 2º SOLISTA

Marine Triolet

Miguel Menezes

Diogo Pereira

João Alves*

Raquel Leite*

Romeu Santos*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Rui Matos 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

Leandro Alves 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Maria Sousa 1º SOLISTA*

Jaime Resende 1º SOLISTA*

José Marques 2º SOLISTA*

Hugo Sousa 2º SOLISTA*

Telmo Rocha 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Pedro Freire 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Luís Campos 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

Nicola Woud 1º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

HARPA

Ana Aroso 1º SOLISTA

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

20 março



GULBENKIAN
MÚSICA

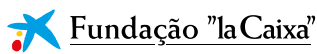
**Sonia
Wieder-Atherton**

D'Est en Musique

GULBENKIAN.PT

© 2018 Gulbenkian Música

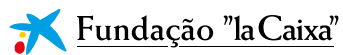
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

